

# VISÕES DO BRASIL NAS CRÔNICAS DE VIAGEM DE CECÍLIA MEIRELES

Ana Maria Domingues de Oliveira\*

## Resumo

Este trabalho propõe uma leitura das *Crônicas de viagem*, de Cecília Meireles. Ao contrário do que afirmam estudiosos de sua obra poética, vemos que suas crônicas apresentam imagens do Brasil.

## Palavras-chave

Cecília Meireles; Crônica; Viagem; Imagem; Brasil.

## Abstract

This paper proposes a reading of *Crônicas de viagem*, by Cecília Meireles. Against what is said by scholars studying her poetic work, we observe that her chronicles present images of Brazil.

## Keywords

Brazil; Cecília Meireles; Chronicle; Image; Travel.

---

\* Departamento de Literatura - Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - 19806-900 - Assis - São Paulo - Brasil. E-mail: anamdo@uol.com.br

Sobre a poesia de Cecília Meireles, muito frequentemente se afirma não haver, ali, marcas muito evidentes do Brasil. Segundo alguns críticos, mesmo ao *Romanceiro da Inconfidência*, aquele que seria seu livro mais explicitamente relacionado ao país, faltam elementos “típicos” do Brasil. Embora esta seja uma afirmação discutível sobre a poesia de Cecília, no presente trabalho proponho apenas um estudo da presença do Brasil nas crônicas da autora.

Esta tarefa tem-se tornado necessária, já que, desde o final dos anos 90, a obra em prosa de Cecília Meireles vem sendo publicada de forma sistematizada. Entre os títulos já lançados, encontram-se os três volumes das *Crônicas de viagem*, que abrangem textos publicados de forma esparsa em jornais e revistas, entre os anos de 1941 e 1964.

Ali, a autora discorre sobre as cidades por ela visitadas em sua vasta experiência como viajante. Entre tais lugares, há algumas localidades brasileiras. Alguns textos dizem respeito a cidades mais tradicionalmente turísticas, como Ouro Preto ou Águas de Lindóia. No entanto, há também passagens por lugares mais prosaicos como Itararé ou Erechim. Há, ainda, uma série de crônicas sobre sua cidade natal, o Rio de Janeiro, curiosamente incluída entre as cidades “visitadas” por Cecília.

O propósito de meu trabalho é analisar a maneira pela qual a escritora compõe, em seus textos, uma imagem peculiar do Brasil, na contramão daquilo que, talvez apressadamente, afirma-se sobre sua poesia.

As crônicas de viagem de Cecília Meireles, pela primeira vez reunidas em livro entre os anos de 1998 e 1999, proporcionam uma leitura em conjunto de textos antes acessíveis apenas de forma esparsa, e essa visão mais integral das crônicas, muitas vezes, oferece a visão de uma Cecília desconhecida dos leitores de seus poemas. Trata-se de uma viajante assídua, que desde os anos 30 percorreu vários lugares, no Brasil e fora dele. Em todas essas viagens, Cecília não deixou de escrever: cartas para amigos e para a família, poemas e crônicas.

Em 1934, a poeta faz, em companhia de seu primeiro marido, Fernando Correia Dias, sua primeira grande viagem de navio a Portugal. Dessa viagem, restam cartas, poemas, entrevistas e uma ou outra crônica.

As crônicas vão, entretanto, aparecer de forma mais sistemática a partir das viagens que se iniciaram nos anos 40, após o segundo casamento de Cecília, com Heitor Grillo. Nesse período, a poetisa visitou Estados Unidos e México em 1940; Uruguai e Argentina em 1944; Índia, Portugal, Espanha, Itália, França, Bélgica e Holanda entre 1951 e 1953; os Açores em 1954, Porto Rico em 1957, Israel, Grécia e Itália em 1958, Estados Unidos e Peru em 1959 e novamente o México em 1962.

Nos anos de viuvez, entre 1935 e 1940, a autora sobreviveu trabalhando em jornais e revistas. Isso talvez explique a regularidade com que escreveu crônicas nas viagens a partir de 1940: compromissos profissionais ampliaram e disciplinaram o hábito já existente de escrever durante a viagem.

Uma outra versão, com uma pitada de ironia e de leviandade coquete, foi dada pela própria Cecília, na primeira crônica da série “Rumo: Sul”:

Pois o meu cabeleireiro agora, ao secar com todo o cuidado as mechas do meu cabelo, aconselha-me, experiente: “A senhora devia escrever as impressões desta sua viagem. *Mlle. Solange*, sempre que vai a qualquer lugar, escreve um livro, e pede aos amigos que distribuam uns tantos volumes pelos conhecidos. A vinte cruzeiros cada um. Já escreveu sobre Barra do Piraí, sobre Cabo Frio, sobre o Saco de São Francisco... Compra-se muito. A senhora nunca leu?” Embora eu saiba quanto isso abala meu prestígio, tenho de confessar, sorrindo para o espelho: “Nunca.” E ele, brandindo a escova, me diz com a mais séria inocência que pode ter uma criatura humana: “A senhora devia fazer como *Mlle. Solange*.” Vamos ver (MEIRELES, 1998, p. 73).

Assim, seja por necessidade de cumprir seus compromissos profissionais, seja para equiparar-se a *Mlle. Solange*, periódicos como *A manhã*, *Folha carioca*, *Diário de notícias* e *A noite*, entre outros, publicaram os “diários de bordo” da assídua viajante

Cecília Meireles.

Ao tomar, portanto, o conjunto dos três volumes, em primeiro lugar, observa-se a evidente heterogeneidade dos textos. Há aqueles que poderiam ser justamente chamados de relatos de viagem: observações sobre o trajeto, sobre os locais visitados, sobre as pessoas que lá moram, seus hábitos, as estranhezas, etc.

Em outros textos, a viagem serve como pretexto para uma reflexão mais lírica, e, por isso mesmo, introspectiva e distante do mundo objetivo. Uma reflexão que independe da especificidade do local visitado. Estes textos, a partir de uma seleção com critérios diferentes, talvez não fossem incluídos entre as crônicas de viagem.

Entre as crônicas que relatam mais exatamente as impressões de viagem, seleciono, para este trabalho, aquelas que se referem a lugares brasileiros. Trata-se de um conjunto de aproximadamente duas dúzias de textos, que podem ser reunidos, grosso modo, em três grupos: o das crônicas que relatam sua longa viagem de trem desde o Rio de Janeiro até Montevideu e Buenos Aires, o das crônicas que se referem a Minas Gerais, com ênfase para as cidades históricas, e um grupo não propriamente de viagem, pois nele predominam as crônicas sobre a cidade natal da poetisa, ou seja, o Rio de Janeiro.

No que se refere a este último conjunto, observa-se que o Rio de Janeiro é invariavelmente visto como uma cidade que perdeu os encantos que tinha enquanto cidade menor, guardada nas lembranças nostálgicas da escritora. Nestes textos, o Rio de Janeiro visto por Cecília é como uma sombra da cidade que ela ama.

Entre estas crônicas, o "Lamento pela cidade perdida" é o texto mais típico:

Minha querida cidade, que te aconteceu, que já não te reconheço? Procuo-te em todas as tuas extensões e não te encontro. Para ver-te, preciso alcançar os espelhos da memória. Da saudade. E então sinto que deixaste de ser, que estás perdida (MEIRELES, 1999, p. 5).

A concepção de cidade que transparece nas crônicas deste grupo é dupla. No passado, temos a cidade pequena, da qual se tem nostalgia. No presente, temos a metrópole, que se rejeita.

Na crônica "Esta triste cidade", Cecília também estabelece essa dicotomia entre o Rio do passado e o Rio de seu presente:

Tínhamos orgulho desta cidade: os mais antigos, os viajados afirmavam com sapiência não haver nada que se comparasse à Baía de Guanabara: nem Nápoles nem Alexandria... A curva d'água se arredondava com a nitidez de um espelho, com a tranquilidade de um céu (MEIRELES, 1999, p. 1).

A esta imagem idílica, de cartão postal, composta toda com verbos no passado, segue-se o parágrafo seguinte, entre parênteses, com um quadro da cidade no presente:

(Então, cada um começou a empurrar as águas da enseada para longe, acabaram-se os estetas, vieram os técnicos, os práticos, e todos os dias – há quanto tempo? – nascem e morrem estranhas ruas, avenidas, transversais, pontes, passagens subterrâneas – que sabemos nós! – como se tudo fosse obra de criança em férias, nas areias de uma praia sem dono.) (MEIRELES, 1999, p. 1).

Aqui, a imagem do Rio perpetuada na memória adquire, aos olhos da autora, uma condição idealizada, transforma-se em imagem da perfeição, concretizada através da harmonia entre natureza e civilização. Em situação oposta encontra-se a cidade real, cidade que aliena seus moradores ("que sabemos nós!").

Pode-se, portanto, concluir que as crônicas de Cecília Meireles que se referem ao Rio de Janeiro expõem a imagem de uma cidade ufanamente idealizada, cujo passado é glorioso, e que se contrapõe à cidade fragmentada, labiríntica que a poetisa vê no presente. A recusa das transformações advindas do progresso é a tônica da maioria dos textos. A cidade do passado é a representação de ideais de harmonia, de totalidade. A cidade do presente é, simbolicamente, vista como labirinto, como espaço fragmentado, espaço de conflito.

No que concerne ao grupo das crônicas relativas a Minas Gerais, predominam os textos que falam sobre as cidades históricas, embora haja uma ou outra crônica sobre Belo Horizonte. As cidades históricas, mais uma vez, vão revelar uma Cecília que caminha pelo presente enxergando o passado.

Na crônica "Por amor a Ouro Preto", a escritora convoca a todos os seus leitores para a tarefa de preservar a cidade, de modo a garantir o testemunho que a cidade presta de seu passado. O parágrafo final representa de modo exemplar essa posição:

Nenhum de nós pode ficar tranqüilo diante dessa ameaça da sua destruição. **Não se perderia apenas uma cidade: mas tudo isso que ela representa:** sonho, poesia, tragédia, liberdade, sátira, beleza, fé... Quem pode perder tudo isso de repente sem ficar de coração partido? (MEIRELES, 1999, p. 289 – grifos nossos).

Observa-se aqui a clara preocupação de Cecília na preservação concreta da cidade, preservação esta que, indo além do palpável, garantirá também a permanência dos valores impalpáveis que "ela representa". Delineia-se aqui, de forma mais clara, o princípio de transcendência que parece orientar toda a obra de Cecília Meireles, não apenas no que se refere à prosa. Segundo esse princípio, todos os elementos do mundo empírico, referencial, consistem em representações de outras coisas menos palpáveis. A tarefa que compete a nós é considerar não o tangível, mas o incomensurável que se esconde sob a aparência concreta do que se fala.

É, no entanto, na série de crônicas intituladas "Rumo: Sul", constantes do volume 1 das *Crônicas de viagem*, que Cecília Meireles apresenta uma visão mais curiosa do país, apesar de a sua viagem percorrer apenas as regiões sudeste e sul.

A viagem ocorre em junho de 1944. Cecília parte de carro, do Rio de Janeiro a São Paulo, onde toma o trem internacional na Estação Sorocabana, com destino a Montevidéu. De lá, irá de barco a Buenos Aires.

As impressões do trecho brasileiro da viagem abrangem cidades como Bananal, São Paulo, Itararé, Marechal Mallet, Porto União, União da Vitória, Erechim, Passo Fundo e Santana do Livramento. É curioso observar como a visão de Cecília sobre as cidades vai avançando no sentido de enxergar a realidade brasileira de modo mais idealizado à medida que se distancia de Rio de Janeiro e São Paulo e se aproxima dos estados do sul. Observem-se, por exemplo, alguns trechos de tom levemente irritado que aparecem nas crônicas iniciais:

Bananeiras, bananeiras virentes aparecendo e desaparecendo entre a terra vermelha e o céu azul. Mais bananeiras. Ainda mais. Sempre bananeiras. Que fazer com tantas bananas, meu Deus? O motorista tranqüiliza-me: vamos chegar a Bananal. [...] Mas o que nunca se esquece, desse lugar, são os feijões cozidos. Ficam no estômago oito horas absolutamente inatacáveis por oceanos de suco gástrico (MEIRELES, 1998, p. 77).

O tom de crítica revela-se já desde a chegada, com um sujeito irritadiço, impaciente com a imensidão das bananeiras, expressa inclusive na reiteração exaustiva da palavra "bananeiras" ao longo das primeiras linhas. Basta o motorista esclarecer que se trata da chegada de Bananal para tudo voltar ao normal. Mais tarde, é a má digestão dos feijões que depõe contra a cidade. Enfim, tudo é motivo para o sujeito expor sua mordacidade.

Na crônica seguinte da série, a mal humorada cronista destila ironia na direção de seus companheiros de trem, que serão objeto de vários comentários contundentes, dos quais destaco o primeiro:

E entram estas veneráveis matronas, que viajam com pérolas, e, quando se lhes pede o passaporte, dizem, com cara de papa antigo: "Nós somos descendentes de João Francisco das Botas Largas, um dos primeiros bandeirantes do Brasil. Nunca ouviu falar?" E foi para isso que os Botas Largas andaram varando o sertão, coitadinhos! (MEIRELES, 1998, p. 82).

O tom irritado prossegue, direcionado a todas as atitudes e comentários desses companheiros de viagem e a todos os elementos das paisagens vistas que escapem a uma visão idealizada daquilo que deveria ser o Brasil, na concepção da cronista.

Observe-se, entretanto, como o tom mordaz e irônico transforma-se em puro lirismo idealizador, nas crônicas posteriores à chegada ao Paraná, como se finalmente tivesse encontrado o cenário que corresponderia à imagem desejada do Brasil:

Amanhecemos no Paraná, sob um sol de suave glória. Taças de pinheiro oferecem altos vinhos azuis. Aparecem as primeiras e encantadoras casas de madeira. Um mundo de brinquedos brancos, vermelhos, verdes, dispostos na veludosa caixa matinal do terno campo. [...] Todas as casas têm cortinas. Todas as crianças, agora, têm calcinhas de lã, casaquinhos azuis... E um leve sol dourado galopa com os cavalos soltos nesse tranqüilo mundo vegetal (MEIRELES, 1998, p. 85).

A visão de um cenário europeizado parece tornar mais complacente e lírico o sujeito das crônicas. A descrição é plena de adjetivos, todos de enaltecimento da paisagem: o sol é de "suave glória", os pinheiros são taças que "oferecem altos vinhos azuis", as casas de madeira são "encantadoras". A dupla adjetivação em "veludosa caixa matinal" pode ser o atestado da condição de deslumbramento da cronista, que parece encarar a paisagem do campo paranaense como um paraíso a ser buscado por todas as outras regiões do Brasil.

Agora, pouco importa que elementos da paisagem se repitam, pois são pinheiros, casas de madeira, tábuas secando ao sol: "É um mundo sem fim de pinheiros, de chalés de madeira com janelas graciosas, de crianças de melena cor de prata cintilando com pinceladas metálicas" (MEIRELES, 1998, p. 85).

Embora seja "um mundo sem fim" de elementos repetidos, a cronista vê neles uma graça que as pobres bananeiras tropicais de Bananal estão longe de ter. Em lugar das bananeiras, pinheiros. Em lugar de barracos, casas de madeira que são vistas como "chalés", palavra que o dicionário define, em sua primeira acepção ligada à arquitetura, como "casa campestre suíça". As crianças que assistem à passagem do trem têm cabelos cor de prata, em lugar da carapinha. Enfim, como se pode ver claramente, trata-se de um cenário muito mais europeu que brasileiro.

O tom prossegue enternecido até a fronteira do Brasil com o Uruguai, em Santana do Livramento. Ao chegar ao Rio Grande do Sul, o olhar europeu finalmente se explicita na voz da própria cronista: "Campos completamente cultivados, ondulando até o horizonte, em suaves planos de paisagem europeia" (MEIRELES, 1998, p. 89).

A visão europeizada da cronista fica mais evidente na última crônica da série, numa descrição do gaúcho sobre o cavalo, usando seu poncho:

O poncho é uma peça de vestuário que dá enorme dignidade à figura. A roupa do homem atual, segundo um amigo meu, consta apenas de um conjunto de canudos de pano. O poncho ressuscita a elegância das pregas, dos drapeados, das túnicas, das clâmides, das togas. Um ginete vestido à ocidental é apenas um ginete. Mas, com um poncho pelos ombros, passa a criatura sobrenatural: o vento, que é amigo do poncho, abraça-o e leva-o pelos ares – e o ginete passa pelas coxilhas como um veleiro num verde mar coalhado; como um arcanjo vigiando a solidão. De mais longe, o homem desaparece; apenas o poncho palpita sobre o cavalo. O animal fantástico vai-se desprendendo da terra, com asas longas e cascos breves. Os olhos mitológicos recordam: Pégaso (MEIRELES, 1998, p. 170 – 171).

Não é preciso muito esforço para enxergar aqui a visão com cores clássicas que Cecília tem do gaúcho. O poncho lembra as vestes gregas e romanas, e o conjunto formado pelo cavaleiro com poncho sobre o cavalo, visto à distância, evoca a imagem do mitológico cavalo alado Pégaso.

Talvez contaminada pela necessidade de rivalizar com *Mlle*. Solange, escritora-modelo de seu cabeleireiro, Cecília Meireles adota um olhar europeu, muitas vezes beirando o preconceituoso, distante do olhar da estudiosa de folclore, defensora da importância da cultura popular e das especificidades de cada região que aparece em muitas outras de suas obras.

Não obstante isso – ou, talvez, por causa disso – as vinte e cinco crônicas da série “Rumo: Sul” constituem um material muito rico, que pode suscitar ainda muitas outras considerações. Espero que este primeiro estudo possa fomentar o surgimento de outros.

DOMINGUES, A. M. Visions of Brazil in the Chronicles of Travel by Cecília Meireles. **Olho d’água**, São José do Rio Preto, v. 1, n. 2, p. 17 - 22, 2009.

## **Referências**

CALVINO, I. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MATOS, O. *História viajante*. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

MEIRELES, C. *Crônicas de viagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v.1, 1998.

\_\_\_\_\_. *Crônicas de viagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v.2, 1999.

\_\_\_\_\_. *Crônicas de viagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v.3, 1999.